A photograph of two men standing in front of a yellow excavator. The man on the left is older, with white hair and glasses, wearing a light-colored plaid shirt. The man on the right is younger, with grey hair and glasses, wearing a darker plaid shirt and has his arms crossed. The background shows the yellow body of the excavator and a window.

**Eles
Calcularam o
Risco- Os heróis
Wayne Barrett
(direita) e
Richard Childs.**

Nem *um* segundo *a* perder

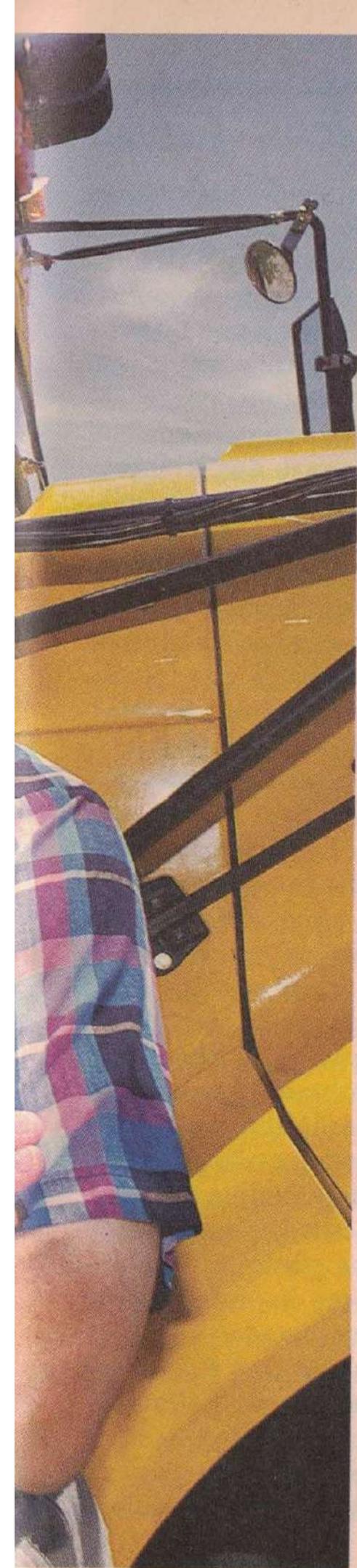
Onze crianças enfrentam a morte em um incêndio... e seus salvadores vêm-se sem opções

Por KEVIN HARTER

QUANDO OUVIU o ônibus escolar descendo a South Curtis Road, por volta das onze da manhã, Wayne Barrett, 49 anos, dirigiu-se à porta de casa. Revezando a jornada de trabalho, a mulher e ele sempre davam um jeito de um deles estar em casa para receber o filho Spencer, 5 anos. Naquele momento, na manhã fria do dia 6 de março de 1996, o ônibus amarelo, levando as crianças do jardim-de-infância da Winn Elementary School, escola rural perto de Mt. Pleasant, no estado de Michigan, parou na entrada da garagem. Com um aceno aos amigos, Spencer saltou para os braços do pai.

– Vou buscar a correspondência – disse Barrett, mandando o filho para dentro de casa.

Seguiu em frente, passando pelo ônibus, e atra-



Saia fumaça dos pneus traseiros. *Centelhas*

vessou a rua, indo até a caixa de correio.

A neve esculpida pelo vento cobria as pastagens que se estendiam diante da casa de Barrett. A vários metros da estrada, erguia-se um poste de energia elétrica de 15 metros e, escondido em meio ao monte de neve que se acumulava em sua base e chegava à altura dos joelhos, havia um suporte de cabos de aço equilibrando a velha estrutura de madeira.

O ônibus começou a dar marcha à ré em direção ao poste para fazer a meia-volta. Então parou e, durante vários segundos, o motorista substituto Richard Childs, 65 anos, examinou a lista de alunos para ver qual seria a próxima criança a ser deixada em casa.

– Kory Kenny está presente? – indagou ele.

– Está – responderam em coro várias crianças, referindo-se ao garoto de nariz sardento no primeiro banco, do lado oposto ao de Childs.

Sentada algumas fileiras atrás, estava Megan Martinez. Dois bancos depois de Megan, encontrava-se Dennis James Sexton, conhecido por todos como *D.J.* Sua irmã gêmea, Nikki, estava do outro lado do corredor. Eram onze crianças ao todo.

Quando o ônibus se punha lentamente em movimento, o som de madeira despedaçando-se atravessou o ar. Barrett olhou e viu o pára-choque do ônibus empurrando o suporte de

cabos de aço. O poste de madeira estalou. Um dos fios de alta tensão ficou pendurado, inofensivo, de um lado do poste; o outro se enroscou na saída de emergência no teto do veículo, conduzindo 46 mil volts.

No interior do ônibus, porém, o barulho da madeira se partindo foi abafado pelo falatório das crianças, pela estática no rádio do veículo e pelo zumbido do aquecedor ligado. Childs levou o pé ao acelerador.

– Pare! – gritou Barrett, acenando freneticamente a fim de alertar Childs. – Há um fio de alta tensão preso a vocês. Não saltem do ônibus! Vou ligar para a Emergência.

Childs levou a mão ao rádio receptor-transmissor para avisar à direção da escola. Em seguida, querendo tranquilizar as crianças, disse:

– Precisamos parar por um momento. Não se preocupem. Não vou deixar que nada aconteça com vocês.

Barrett correu para casa, lembrando-se do que aprendera anos antes como bombeiro. As crianças ficariam bem desde que permanecessem onde estavam e não tocassem ao mesmo tempo o ônibus e o solo, ou alguém que estivesse em contato com o solo. Mas qualquer criança que tentasse descer do ônibus corria o risco de ser eletrocutada.

Barrett entrou em casa e discou o número da Emergência. Falou depressa o endereço, dizendo:

– O ônibus escolar acaba de ficar preso num fio de alta tensão. Peça à

brilhavam no teto. As crianças gritavam aterrorizadas.

companhia de energia elétrica para mandar alguém aqui.

Barrett disse ao filho que ficasse dentro de casa e tornou a sair correndo. Viu que os pneus de trás estavam expelindo fumaça. Do teto saltavam centelhas – resultado da eletricidade sendo conduzida através do eixo traseiro.

Dentro do ônibus, os rostos assustados das crianças espremiavam-se de encontro às janelas. Ao lado de Megan, sua melhor amiga, Austin Fisher começou a soluçar.

– Estou com medo – disse ela.

Barrett explicou rapidamente a situação a Childs: ninguém poderia tocar o veículo e o solo ao mesmo tempo.

Enquanto eles falavam, porém, Childs percebeu fumaça surgindo nas saídas de ar do motor e filtrando-se através das pranchas no chão. O sistema elétrico e o de isolamento do ônibus estavam queimando lentamente. Enquanto isso, a corrente começava a ameaçar o veículo com um forte zumbido.

Childs teve uma idéia. Na esperança de soltar o ônibus do fio, pressionou levemente o acelerador a fim de fazer o veículo avançar. No entanto, ouviu um guincho metálico e sentiu uma tensão crescente no ônibus, como um elástico gigante retesado a ponto de arrebentar. O fio de alta tensão prendera-se firmemente na saída de emergência.

Childs parou, percebendo que

corria o risco de puxar a rede elétrica, o que poderia derrubar outros postes e enroscar ainda mais o ônibus. *Melhor ficar parado*, pensou ele.

Barrett percebeu chamas saltando dos pneus traseiros do ônibus. Mais uma vez correu para o telefone e discou o número da Emergência. Os bombeiros estavam a caminho, foi o que lhe disseram. Na área rural, porém, não se podia saber quanto tempo a companhia de energia elétrica, a Consumers Energy, levaria para cortar a eletricidade.

Barrett deixou a casa correndo, parando a uma distância de pouco menos de dois metros do ônibus. Ele sabia que Childs não poderia ter visto o suporte de cabos de aço com a neve que o cobrira. Ocorreu-lhe que durante todos aqueles anos a armadilha estivera ali, pronta para ser acionada.

AS CRIANÇAS viram fumaça se levantando na traseira do ônibus e algumas perceberam que a estrutura de metal dos bancos estava ficando quente. Megan apertou *Flint*, seu pássaro de pelúcia. Então, vendo as lágrimas descendo pelo rosto de Austin, ela segurou a mão da amiga.

– Estou com medo – balbuciou Austin.

– Vamos ficar bem – disse Megan, repetindo o que Childs lhes dissera.

– O pai de Spencer vai ajudar a gen-

te também. – Nesse momento as meninas começaram a tossir.

Fazia agora dez minutos que a eletricidade percorria o ônibus. As chamas começaram a subir em espirais dos pneus traseiros e o zumbido pareceu intensificar-se.

Childs pensou na localização dos tanques de combustível do ônibus – felizmente eles ficavam na frente. O óleo *diesel* tem um ponto de ignição elevado, portanto ele sabia que uma explosão não era iminente. Nesse meio tempo, porém, a fumaça aumentava no interior do veículo e as crianças começavam a tossir mais. Era hora de agir.

Childs abriu a porta do ônibus.

– Temos de tirar as crianças daqui – gritou ele para Barrett.

– Certo – gritou Barrett de volta. – Imediatamente.

Os dois homens se fitaram. Temiam que a morte por asfixia ou pelo fogo pudesse não demorar mais do que poucos minutos. Então concluíram que tinham uma única opção, mas esta implicava um risco mortal. Childs jogaria cada criança pela estreita porta do ônibus na direção de Barrett.

– Levantem-se – disse Childs às crianças. – Deixem tudo aí. Façam uma fila única atrás de mim.

Então os instruiu sobre a importância de não tocarem em coisa alguma. Eles precisavam ser lançados de cabeça, com os braços dobrados junto ao corpo, sem raspar na porta

do ônibus. Se um deles caísse no chão e então agarrasse a porta ou outra criança no ônibus, poderia ser eletrocutado.

Childs queria lançar cada um deles a uma distância de pelo menos um metro e meio da porta dianteira do veículo – uma tarefa difícil, tendo em vista a pequena largura da porta.

– Vocês todos estarão a salvo – prometeu Childs.

Barrett rapidamente recolheria cada criança.

Kory, o mais próximo de Childs, seria o primeiro a ir. O motorista do ônibus, com 1,83 m de altura e 85 quilos, segurou o garoto de 20 quilos por debaixo dos braços. Quase como se instrísse a si mesmo sobre o que fazer, murmurou:

– Segure-os debaixo dos braços e use toda a força que tiver.

Childs atirou Kory pela porta com grande esforço. O garoto bateu na neve cerca de um metro e meio à frente e continuou a rolar. Barrett puxou Kory, ajudando-o a se levantar, e o empurrou na direção da varanda.

– Corra para a casa – ordenou.

A próxima da fila era Austin, os olhos azuis cheios de pavor. Childs içou-a e a arremessou pela porta.

Megan viu quando a amiga aterrisou na neve e foi recolhida por Barrett. Então tentou guardar *Flint*, o pássaro de pelúcia, na mochila. Mas o zíper desta estava danificado e *Flint* insistia em cair.

Se uma das crianças tocasse na porta ao pisar no chão,



Vidas em Perigo– Wayne Barrett e Richard Childs com as crianças que ficaram presas na armadilha mortal.

Voltando-se para Megan, Childs segurou-a com firmeza e lançou-a para fora do ônibus. *Flint*, porém, caiu no chão perto da porta. Quando Barrett estendia a mão para Megan na neve, ela deu um passo na direção do veículo para apanhar o brinquedo.

– Não! – gritou Childs no momento em que Barrett agarrava a menina.

– Eu pego o seu pássaro depois –

prometeu Barrett. – Agora corra para a varanda. Quando Childs se voltou para a criança seguinte, Nikki Sexton tentou passar por ele, dirigindo-se aos degraus, na tentativa de apanhar o pássaro de pelúcia da amiga.

– Não! – gritaram as crianças.

Childs agarrou Nikki e lá se foi ela, voando pela porta. Três outras meninas a seguiram, uma atrás da outra. Restavam quatro crianças.

As sirenes agora atravessavam o

poderia ser imediatamente eletrocutada.

ar. Vinda do norte, uma radiopatrulha azul da Polícia do Estado de Michigan estrondeava pela estrada, enquanto do sul vários carros de bombeiros chegavam ao local. Eles podiam ver as chamas e uma fumaça negra e espessa, enquanto a eletricidade do fio partido produzia centelhas azuladas e brilhantes que crepitavam.

No ônibus, *D.J.*, o próximo da fila, começava a se balançar como um velocista preparando-se para a largada. De repente, ele disparou em direção à porta.

– Eu posso ir sozinho – disse o menino. – Posso pular.

Childs ficou admirado com a coragem do garotinho.

– Pode pular numa outra hora – replicou, agarrando o garoto por debaixo dos ombros. Lá se ia o oitavo através da porta.

Childs jogou mais duas meninas. Restava por fim a prima de Kory, Kayla Kenny, com seu rabo-de-cavalo. Childs ergueu-a e lançou-a sobre o monte de neve. Parecia que a última criança estava segura.

Ainda preocupado com a possibilidade de ter esquecido alguém, Childs revistou o ônibus, gritando para o caso de alguma criança ainda

estar ali. Sufocando em meio à fumaça espessa que cheirava a borracha, ele apalpou os bancos e examinou minuciosamente o chão quente. Encontrou apenas livros, brinquedos e agasalhos.

Voltando à porta da frente, plantou as botas pesadas no primeiro degrau e impulsionou o corpo com força, aterrissando, ofegante, no monte de neve ao lado de Barrett.

Alguns minutos depois, funcionários da companhia de energia elétrica desligaram a força. Os focos de incêndio foram extintos antes que alguém se machucasse.

Três semanas mais tarde, diante dos alunos do jardim-de-infância, a companhia de energia elétrica ofereceu a Richard Childs e a Wayne Barrett um prêmio por salvar a vida das crianças.

Outro tipo de tributo foi conferido a Barrett alguns meses depois do acidente. Ele se encontrava num restaurante, quando ouviu uma vozinha gritar:

– *Aquele é um dos homens que me salvaram!*

Era Megan Martinez, apontando Barrett para os pais. Sorrindo, acrescentou:

– *Ele é o meu herói.*

Gosto de dinheiro. Mas, se tivesse nascido milionária ou ganhasse na Loto, seria um problema: afinal, quem tem muito dinheiro mesmo não precisa trabalhar, e poder fazer absolutamente tudo que se quer não tem a menor graça. É preciso desejar e depois conseguir; aí, sim.

– DANUZA LEÃO, citada por Lu Lacerda em *Tudo que eu já fiz por dinheiro* (Editora Objetiva)